

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

**JUVENTUDE E INTERNET: UM ESTUDO SOBRE AS MODIFICAÇÕES
CAUSADAS PELA INTERNET NO COMPORTAMENTO DOS JOVENS**

Aluna: Marta Borges Arantes

Orientadora: Prof.a Renata I. Bittencourt de Carvalho

Curso: Comunicação Social - Propaganda e Marketing

BRASÍLIA

1º SEMESTRE / 2006

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	p. 3
2	TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA.....	p. 3
3	OBJETIVOS.....	p. 3
4	JUSTIFICATIVAS.....	p. 4
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	p. 5
6	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	p. 7
	6.1 O surgimento do computador.....	p. 7
	6.2 O surgimento da Internet.....	p. 10
	6.3 WWW (World Wide Web).....	p. 12
	6.4 As ferramentas.....	p. 13
	6.5 Esfera pública e esfera privada.....	p. 14
	6.6 O jovem universitário e seus hábitos.....	p. 16
7	FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA.....	p. 17
8	PARADIGMA ESCOLHIDO.....	p. 18
9	ESTRATÉGIA DE VERIFICAÇÃO UTILIZADA.....	p. 18
10	SELEÇÃO DO GRUPO PESQUISADO.....	p. 19
11	INSTRUMENTOS.....	p. 20
12	MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	p. 20
13	DESENVOLVIMENTO / RESULTADO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	p. 22
14	CONCLUSÕES.....	p. 28
15	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 30

1 INTRODUÇÃO

As inovações tecnológicas fazem parte da vida cotidiana e são perceptíveis na sociedade contemporânea como jamais se imaginou. O jornal, o rádio e a televisão foram algumas das tecnologias da comunicação causadoras de diversas modificações sociais. Nas duas últimas décadas, surgiu o computador: uma nova tecnologia que possibilitou o desenvolvimento da Internet.

Apesar da presença da Internet no cotidiano da população brasileira nos últimos dez anos (tanto na esfera pública quanto na esfera privada), não se tem, ainda, estudos que determinem como ela interfere nas relações humanas e no comportamento dos indivíduos.

A pesquisa apresentada teve como foco as modificações resultantes da introdução da Internet nas relações privadas e públicas dos jovens universitários. Tentou-se compreender possíveis alterações comportamentais em um grupo de indivíduos que utilizam a Internet constantemente.

2 TEMA E PROBLEMA DA PESQUISA

A pesquisa teve como tema: a Internet como modificadora das relações humanas. Observando o contexto no qual está inserida a Internet e levando em consideração a sua utilização tanto na esfera pública e privada, procurou-se apontar possíveis respostas para o seguinte problema: quais são as modificações causadas pela Internet nas relações dos jovens universitários com a sociedade no mundo contemporâneo?

3 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as principais modificações causadas pela Internet nas relações dos jovens universitários com a sociedade no mundo

contemporâneo.

Os objetivos específicos a serem alcançados foram:

- identificar modificações causadas pela Internet nas relações dos jovens universitários na esfera pública;
- identificar modificações causadas pela Internet nas relações dos jovens universitários na esfera privada;
- analisar a acessibilidade e a capacitação de uso da Internet pelos jovens universitários.

4 JUSTIFICATIVAS

A justificativa para a realização desta pesquisa baseou-se na percepção de que as novas tecnologias estão relacionadas ao contexto social atual dos jovens universitários e o problema colocado em questão é de grande interesse de análise por parte dos estudiosos da área de Comunicação, principalmente, por haver poucos estudos e pesquisas sobre temas que envolvam a juventude e a Internet.

Apesar dessas novas tecnologias estarem muito presentes no cotidiano, observa-se que não existem muitos estudos a respeito, principalmente, porque a Internet surgiu há poucos anos para acesso ao público.

A problematização do tema abordado é de grande importância para o entendimento das modificações e influências de novas tecnologias no mundo contemporâneo. A identificação de uma possível relação de causalidade entre o uso da Internet e o comportamento dos jovens universitários por intermédio desta pesquisa pode trazer novas percepções e questionamentos sobre potenciais benefícios ou malefícios decorrentes da inserção de novas tecnologias nas relações humanas.

E, também, levou-se em consideração o interesse da pesquisadora em querer identificar que modificações causadas por um meio de comunicação, neste caso a Internet, nos estudantes de comunicação. Primeiro, por se tratar de um tema instigante e atual no curso de graduação em comunicação que se encontra em andamento pela aluna. Segundo, por pretender desenvolver e coletar dados para projetos de final de curso e de processos seletivos para pós-graduação. Por fim, pela

experiência pessoal como jovem universitária usuária da Internet.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos anos 60, presenciou-se a legitimação da idéia de uma sociedade da informação, ou seja, “uma sociedade cuja forma é determinada no plano cultural, psicológico, social e econômico pela influência da tecnologia, mas particularmente pela informática e pelas comunicações.” (MATTERLART, 2002, p.99).

A partir desta época, a estrutura social fundamentou-se na circulação constante de informações através dos meios de comunicação e, como conseqüência, o indivíduo passou a receber maior número de informações pela televisão, pelo rádio, pelo jornal e por outras tecnologias. Além do aspecto quantitativo a efemeridade das informações impulsionou os indivíduos a buscarem, constantemente, novas notícias.

Com o surgimento do computador, a Internet também passou a ser utilizada como meio para suprir essa necessidade do homem contemporâneo. Dentro deste novo contexto, o indivíduo - percebido como ser social dotado de cultura - modifica-se constantemente. Neste sentido, afirma Schaff (1995, p.73), “é óbvio que o advento das novas tecnologias de transmissão de informações - que é o traço mais característico da sociedade informática - terá repercussões sobre a cultura, entendida no sentido mais amplo do termo”. Se o homem é dotado de cultura e a tecnologia a modifica, é possível que o comportamento humano sofra alterações com o uso freqüente de inovações tecnológicas.

Em uma análise voltada para a percepção da produção dos meios de comunicação como bens culturais percebe-se que

o computador é um produto do homem, portanto é parte da sua cultura. Esta tecnologia está determinada a revolucionar o processo de formação da cultura e hoje já testemunhamos o início desta revolução. (SCHAFF, 1995. p.73).

Além dos teóricos citados, há alguns estudiosos que abordam as novas tecnologias e a “virtualidade”. Os meios de comunicação utilizados pelas pessoas atualmente são, então, “extensões” humanas tendo como base a teoria macluhana

da comunicação? Ou são elementos que surgem com o desenvolvimento da indústria contemporânea aos quais os indivíduos são obrigados a se adaptarem com base na Teoria Crítica de origem alemã? Na verdade, diversas teorias da comunicação são complementares para a compreensão da influência dos meios de comunicação e, nesse sentido, considera-se tanto essa quanto aquela para compreender as relações dos indivíduos na sociedade.

Primeiro, com relação ao tema da pesquisa, pode-se perceber a Internet como uma necessidade extensionista do homem em alongar seu potencial de comunicação em relação ao espaço físico e ao tempo cronológico. E segundo, o desenvolvimento da Internet só foi possível com o investimento em estudos e pesquisas da indústria tecnológica. Segundo eles, o indivíduo, como ser usuário da Internet, pode perceber o mundo sob uma nova ótica. O plano de percepções sobre o conhecimento da realidade é ampliado com o surgimento de um outro mundo chamado de virtual: uma realidade virtual. Para Lévy (1996, p.33), “o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou alteridade biológica em subjetividade concreta. Ao virtualizar, o corpo se multiplica”.

O campo de análise da realidade ganha novos espaços e possibilidades e a representação da realidade é reformulada. Segundo Martín-Barbero (2002, p.47),

uma diferença hoje fundamental, por exemplo, é a reorganização entre os espaços públicos e privados. Ao contrário do que escrevi há dez anos em direção ao pensamento de Richard Sennet hoje não estamos assistindo somente à privatização da economia, mas também a desprivatização da vida íntima, e alguma coisa esses dois processos tem a ver um com outro. E eu não tenho visto uma única pesquisa que conecte esses dois processos. E, portanto, há uma rearticulação, não simplesmente uma perda de espaço público.

Por acreditar-se que a análise da influência dos meios de comunicação nesta pesquisa, especificamente da Internet, deve contemplar a possibilidade de criação de novos espaços tanto na esfera privada quanto na pública pelas suas interfaces e complementaridade, ressalta-se a relevância da inclusão de teorias que sustentem a análise dos espaços já existentes e dos criados pelas tecnologias. Citando Martín-Barbero (2002, p.47) concorda-se que

acostumados a pensar metafisicamente, estamos sempre tentados a pensar maniqueisticamente as relações entre o público e o privado. Nesse sentido, não podemos pensar senão em termos de oposições

totais, quando o que estamos assistindo é uma reorganização tanto de uma como de outra esferas.

A teoria macluhana e a Teoria Crítica sustentam uma observação ampla das causas das inovações tecnológicas dos meios de comunicação. Pierre Lévy (1996) e Martín-Barbero (2002) embasam os olhares para as modificações e surgimento de espaços pelo uso de novas tecnologias. Mas, ainda, há que se acrescentar fundamentos teóricos que sustentem as diferenças individuais e a recepção das informações transmitidas. Por isso, considera-se que os Estudos Culturais são pertinentes ao embasamento teórico por destacarem as diferentes e até divergentes posições de recepção dos destinatários de um meio de comunicação.

Neste sentido, as mudanças de comportamento dos jovens universitários usuários da Internet (tanto na vida pessoal, como na profissional, na formação acadêmica ou nas atividades de entretenimento social), em relação ao outro período de suas vidas em que os mesmos não eram usuários, foram analisadas na pesquisa desenvolvida.

Outros meios de comunicação, principalmente a televisão, já foram amplamente estudados pelos Estudos Culturais que possuem sua gênese na Inglaterra e precursores na América Latina, dentre eles Martín-Barbero (2002). Como resultado de diversas pesquisas, estudiosos perceberam a importância de se analisar profunda e detalhadamente a recepção das informações veiculadas pela mídia.

Nessa vertente dos Estudos Culturais, pretende-se analisar a recepção não como estágio final do processo de comunicação, mas, como uma etapa do processo na qual os jovens criam diversas direções para o mesmo e inclusive, modificam atitudes e comportamentos.

6 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

6.1 O surgimento do computador

O triunfo da revolução industrial desencadeou no mundo da época a

expansão e especialização do comércio mundial através da mecanização. A partir dela, presenciou-se o constante avanço das ciências, principalmente após a descoberta de novas fontes de energia, da eletricidade e do petróleo, momento histórico conhecido como a segunda revolução industrial. O estudo científico passou a ser incentivado porque era considerado “um campo estável onde o domínio da natureza material se apresentava como uma certeza a prazo” (LUIS, 1999, p.51).

Nas décadas seguintes, presenciaram-se muitas descobertas e invenções, dentre elas o rádio que desde o início de seu desenvolvimento desencadeou na indústria eletrônica a busca da transmissão e da recepção de informações de um lugar para o outro.

A ciência sempre buscou ferramentas que lhe auxiliassem de acordo com os objetivos a serem alcançados. Segundo Benchimol (1995), devido ao interesse por cálculos científicos e comerciais, a primeira máquina de calcular foi construída pelo cientista e filósofo francês, Blaise Pascal, no século XVII. Em 1672, Gohfried Wilhelm von Leibniz finalizou uma calculadora capaz de somar, subtrair e multiplicar. O rápido avanço científico fez progressos tanto na velocidade de operação quanto na variedade de operações. Porém, o fato delas serem limitadas devido à programação manualmente, fez com que Charles Babbages buscasse mecanizar o processo de cálculo. A máquina inventada por ele usava

cartões perfurados apropriadamente para introduzir, na mesma, os dados e as instruções que deveriam ser seguidas. A máquina deveria operar automaticamente até que todas as instruções tivessem sido completadas. (BENCHIMOL, 1995, p.121).

Apesar dela nunca ter sido terminada, a máquina de Babbage foi responsável pelo estabelecimento dos conceitos fundamentais para a construção da máquina de calcular.

Na década de 70, surgiram calculadoras eletrônicas que possuíam capacidade computacional maior do que os primeiros computadores. A diferença entre um computador digital automático e uma calculadora portátil, é que o computador é capaz de executar computações sem intervenção humana. E também, pode tomar decisões lógicas e alterar suas ações futuras em função destas decisões.

Segundo Benchimol (1995), a Mark I, a máquina que iniciou o processo de invenções que desencadeou no computador foi terminada em 1944 pela IBM. Feita a

partir da proposta do professor Howard Aiken, da Universidade de Harvard, a máquina tinha um comprimento de 15 metros por cerca de 2,5 metros de altura dando um total de 800.000 peças em toda sua extensão. E ela era capaz de realizar as quatro operações aritméticas, além de computar logaritmos e funções trigonométricas. Uma máquina semelhante foi construída pela Bell Laboratórios também terminada em 1944.

A Mark II, construída pelo IBM e Harvard, trabalhava com dez dígitos e podia calcular trajetórias balísticas em 15 minutos, o que significava um avanço.

O ENIAC (Electronic Numerical Integrator and Computer) foi o primeiro computador eletrônico, construído pelos professores S. P. Eckert e J. W. Manchly da escola de engenharia Moore, da Universidade da Pensilvânia, em 1943, levava válvulas eletrônicas, reles e painéis com *plugs* para implementar a programação. Só entrou em operação em 1946 usando 18000 válvulas, com um consumo de 150 kilowatts, tinha um peso de 50 toneladas e ocupava um espaço de aproximadamente 125 m², calculava através de 10 dígitos decimais e tinha a velocidade 1.000 vezes maior que os computadores eletromagnéticos da época. Sua maior limitação era ter a programação feita através de *plugs* inseridos em diversas posições, pois para se mudar um programa levava-se vários dias.

Embora o ENIAC chegasse tarde para ajudar no esforço de guerra, foi usado pelo matemático Von Newman para resolver alguns problemas relacionados à construção da primeira bomba atômica. O ENIAC funcionou até 1955, quando foi desativado. (BENCHIMOL, 1995, p.123).

Os ingleses já dominavam a técnica do computador desde 1943 quando terminaram o Colossus, máquina capaz de decifrar códigos que por muitos foi considerado o primeiro computador digital construído e operado no mundo. E, em 1945, criaram o laboratório nacional de matemática, dirigido por F. C. Williams, da Universidade de Manchester e pelo Prof. Maurice Wilkes, da Universidade de Cambridge, e desenvolveram o EDSAC, o primeiro computador a operar com um programa armazenado na memória. E, ao mesmo tempo nos Estados Unidos, Eckert e Manchly, construtores do ENIAC, construíram EDVAC, um computador também com programa na memória.

Mais tarde, iniciou-se a fabricação de IAS, feita por John Von Newman, da Universidade da Pensilvânia. Esse computador tinha conceitos modernos de

programa de armazenagem e aritmética binária.

O primeiro computador eletrônico digital disponível comercialmente nos Estados Unidos foi o Univac I projetado e construído por Eckert e Manchly que deixaram a universidade para fundar a própria firma comprada pela IBM em 1949.

No ano de 1948, o mercado conheceu a segunda geração de computadores, traziam transistores mais baratos, reduzindo o custo total da máquina. Em 1965, a terceira geração apresentou circuitos integrados e a quarta geração usava circuitos integrados de grande nível de integração, propiciando o aparecimento de computadores de pequeno porte, baixo custo, grande capacidade de memória e rapidez de operação.

O surgimento e a comercialização do microprocessador, “unidade de cálculos aritméticos e lógicos localizada em um pequeno chip” (LÉVY, 1999, p.31) em 1970, movimentaram processos econômicos e sociais, a automação da produção industrial. Muitas áreas sofreram alterações com essa nova tecnologia - desde a robótica até setores terciários - e foi por meio desses acontecimentos que surgiu a busca constante de ganhos produtividade através dos equipamentos eletrônicos de comunicação.

Na Califórnia, por exemplo, surgiu um movimento social que, se apossando da técnica, inventou o computador pessoal. Desse modo o processador deixou de processar apenas dados das grandes empresas, passando também, a criar textos, imagens e áudio voltados para a utilização pessoal de máquinas individuais.

6.2 O surgimento da Internet

A Internet, como parte dos computadores, surgiu em consequência da guerra, mais especificamente do pós-guerra. Após o fim da Segunda Guerra Mundial ergueram-se no mundo duas grandes potências: os Estados Unidos e a União Soviética. Sempre rivais e em busca da conquista da Europa com seus regimes e poder estabeleceram uma “guerra fria” pouco tempo após o final da guerra.

Mais tarde, essas duas potências começaram uma corrida armamentista com investimento em pesquisa e tecnologia. Quando, em 1958, a União Soviética desafiou os Estados Unidos lançando Sputnik (um satélite) iniciou a frente da corrida

espacial na guerra fria, “o pentágono cria uma agência de coordenação de contratos de pesquisas federais: DARPA (Defense Advanced Research Projects Agency). Dez anos depois, a fim de facilitar os intercâmbios entre as diferentes equipes de contratantes, essa agência inaugura a rede Arpanet, ancestral da Internet. É no seio dessa ‘República dos especialistas em informática’ que depende dos contratos federais e funciona ao abrigo do mundo exterior que se forma a idéia segundo a qual o modelo de sociabilidade que se desenvolveu em torno por intermédio do Arpanet pode ser implantado no mundo ordinário.” (MATTERLART, 2002, p. 62-63). “Os princípios de intercâmbio igualitário e de circulação livre e gratuita da informação no quadro de uma rede cooperativa gerada por seus usuários, que constituem o quadro sociotécnico da Internet universitária, vão, julgam eles, se difundir com a nova tecnologia.” (FLICHY, 1999, p.113 apud MATTERLART, 2002, p. 62-63).

A Arpanet foi a primeira rede de computadores a longa distância, e após quatro anos de sua criação continha vinte e nove pontos distribuídos entre universidades e centros de pesquisa nos Estados Unidos.

Ao final da década de 70, aproximadamente 200 máquinas estavam conectadas a ARPAnet. Ao final da década de 80, o número de máquinas ligadas à Internet pública, uma confederação de redes muito parecida com a Internet de hoje chegava a cem mil. A década de 80 foi uma época de formidável crescimento. (KUROSE; ROSS, 2003, p.47).

Além da ARPAnet, entre 1972 até por volta de 1980, surgiram diversas outras redes: ALOnet, rede de microondas; Telenet, rede de comutação de pacotes comercial; Tymnet e Transpac, rede de comutação de pacotes; Ethernet, rede local de LANs de curta distância; DECnet, primeira rede interconexão de sistemas abertos; XNS, rede arquitetada pela Xerox, SNA, rede arquitetada pela IBM; ATM, rede de conexão baseada no uso de pacotes de tamanho fixo.

Paralelamente ao desenvolvimento da ARPAnet (que em sua parte foi obra dos Estados Unidos), no início da década de 80 os franceses lançaram o projeto Minitel, um plano ambicioso para levar as redes para todos os lares. Patrocinados pelo governo francês, [...] no seu auge, em meados de 1990, o Minitel oferecia mais de 20 mil serviços diferentes, que iam desde home-banking até bancos de dados especializados para pesquisa. Ele era usado por mais de 20 por cento da população da França e gerava mais de um bilhão de dólares por ano, criando, na época, dez mil empregos. (KUROSE; ROSS, 2003, p.47-48).

A década de 90, também, foi marcada por diversos acontecimentos, entre eles, o desaparecimento da ARPAnet e a criação de redes de finalidades comerciais.

Entretanto, o principal marco na década foi o início do funcionamento da World Wide Web (WWW) levada para milhões de pessoas de todo o mundo em seus lares e empresas. Além de servir como rede de informações, ela também, serve como plataforma para habilitação e disponibilização de centenas de novas aplicações.

6.3 WWW (World Wide Web)

Até o início da década de 90, a Internet era utilizada por pesquisadores e pouco popular entre a população como um todo. Quase não se sabia da existência Internet fora dos meios acadêmicos. Mas para mudar esse cenário surgiu uma aplicação da “chave” da Internet, a World Wide Web - WWW, rede que permite que textos e figuras sejam transferidos e captados por qualquer computador conectado a ela. Dentre várias aplicações,

a Web foi a aplicação que chamou atenção do público em geral. Ela está provocando uma drástica transformação na maneira como as pessoas interagem dentro e fora de seu ambiente de trabalho. Ela gerou milhares de novas empresas. Elevou a Internet do nível que ocupava, como apenas mais uma das muitas redes de dados (inclusive redes on-line como a Prodigy, a América Online e a CompuServe, redes de dados de alcance nacional como a Minitel / Transpac da França, a rede privada X.25 e as redes frame relay), para o nível que agora ocupa, como essencialmente, a única rede de dados. (KUROSE, ROSS, 2003, p.65).

A Internet é considerada a terceira grande tecnologia de comunicação. Depois da primeira, o telefone, e a segunda, rádio/televisão, segundo Kurose e Ross porque mudou o modo de viver das pessoas. E várias são as idéias sobre o porquê das pessoas a utilizarem tanto, “talvez o que mais atrai a maioria dos usuários da Web é o fato de ela funcionar *por demanda*. Os usuários recebem o que querem e quando querem.” (KUROSE, ROSS, 2003, p.66).

Um dos grandes responsáveis pelo sucesso da rede foi o grupo de possibilidades que ela oferece. O usuário, além de ter uma qualidade gráfica de “encher os olhos” com relação às outras redes, tem a disponibilidade de acessar o que quiser, quando quiser, como quiser, além do que a Internet possibilitou a emissão da mensagem de diversas formas, de “um para um”, de “um para vários”, de “vários para vários” (possibilidade que nenhum outro meio de comunicação de

acesso público pode oferecer).

Hoje, através da Internet, pode-se realizar compras, movimentar contas bancárias, mandar mensagens (*e-mail*), ter acesso a partes de obras musicais, literárias, entre outras, podendo até consegui-las por completo. Tem-se também, acesso a uma infinidade de textos, ou melhor, “hiper-textos” sobre os mais variados temas, notícias de jornais *on-line* das mais diversas partes do mundo, jogos, entre outras coisas. Enfim, a Internet é, provavelmente, o maior banco de informações existente na atualidade.

6.4 As ferramentas

A Internet como meio de comunicação integrado ao computador utiliza-se de ferramentas deste, além de ter suas próprias. As funções de um computador podem ser resumidas à entrada-memorização-saída de informações, segundo Pierre Lévy (1999).

A entrada é qualquer forma de digitalização da informação; a memorização, é a armazenagem; e a saída, é o tratamento, o transporte e a colocação à disposição de um ou de vários usuários, podendo eles serem mecânicos ou humanos.

Os dispositivos que permitem a interação entre o universo da informação digital e o mundo são chamados de interfaces. Dentre eles, alguns dos que permitem a entrada são: o teclado, que permite a entrada de texto e instruções; os *samples* (digitalizados automáticos de som), que são módulos de software capazes de interpretar a palavra falada; digitalizadores (*scanners*) de imagens e de textos; leitores óticos (de código de barra ou outras informações); sensores automáticos de movimento do corpo (*datagloves* ou *datasuits*), que codificam movimentos ou alterações dos olhos, das ondas cerebrais, de reflexos nervosos (usados em algumas próteses); e sensores de todos os tipos de grandezas físicas (calor, umidade, luz, peso, etc).

Já a armazenagem é realizada pela memória, um suporte de gravação e leitura automática de informação. São eles: cartões perfurados, fitas magnéticas, discos magnéticos, discos óticos, circuitos eletrônicos, cartões com *chips*, suportes biológicos etc.

Quanto à saída das informações é feita pelo *mouse* (interface) e tela (interface); o transporte e a colocação à disposição, ou transmissão, é realizada fisicamente em suportes como *compact discs* - cds, disquetes, entre outros que são transportados por meio de estradas, trens, barcos ou aviões, ou diretamente em rede ou *on-line* (em linha) por rede telefônica clássica (cabos coaxiais de cobre), por fibra ótica ou por via hertziana (ondas eletromagnéticas).

6.5 Esfera pública e esfera privada

Para analisar as modificações causadas nas relações humanas por qualquer meio de comunicação, não é suficiente observar e analisar isoladamente a esfera pública e a esfera privada da sociedade, mas também, compreender a dicotomia das duas esferas co-dependentes.

A relação entre o público e o privado, portanto, é uma relação de natureza dialética. É uma relação, "*ordo ad aliquid*", ou seja, envolve o ordenamento intrínseco de alguma coisa, em relação a outra, ou aquilo que, para ser, necessita da outra coisa, senão não é. (JOVCHELOVITCH, 2002, p.45).

Por isso, o entendimento de esfera pública é dependente do entendimento de esfera privada, também pelo fato de uma estar inserida na outra.

A Grécia Antiga pode ser citada como a gênese da diferenciação entre esfera pública e esfera privada. Para os gregos,

o que caracterizava a esfera domiciliar, ou a esfera privada, era que nela as pessoas viviam juntas de acordo com suas necessidades e o impulso que as guiava era a vida ela mesma; nesta esfera se encontravam os ciclos do nascimento e morte, e, nas suas sombras, tudo que se relacionasse meramente com as necessidades biológicas da vida era mantido em segredo e longe dos olhos dos demais. A esfera da polis, ou o domínio público, por um outro lado, era o reino da liberdade e a relação entre a esfera da vida pública e da vida privada se assentava sobre o fato de que o controle das necessidades da vida dentro do lar era condição previa para a liberdade na polis. (JOVCHELOVITCH, 2002, p.48 e 49).

Antigamente, a vida pública tinha a função de abrir espaço para discussão de interesses da população em relação às políticas públicas, pois seus interesses privados não tinham espaço na esfera pública.

A diferença de contexto em que o indivíduo moderno está inserido em relação

ao indivíduo clássico remodelou os conceitos, adquirindo uma variedade ampla de sentidos no discurso social e político. A dicotomia público-privado no contexto caracterizados por relações econômicas capitalistas e por um estado constitucional que incorpora instituições democráticas pode ser distinguida em dois sentidos.

No primeiro sentido, a dicotomia público-privado refere-se à distinção entre o território do poder político institucionalizado que foi crescentemente investido nas mãos de um estado soberano, de um lado, e aos campos de atividade econômica privada e as relações pessoais que se colocaram fora de controle direto do estado, de outro. É claro que esta distinção geral nunca foi rígida ou definida; [...] (THOMPSON, 1995, p. 312).

O privado estende seus domínios sobre as organizações econômicas particulares que trabalham sobre uma economia de mercado que visa o lucro; e também, ele se estende sobre as relações pessoais e familiares que hoje podem ser sancionadas por meios legais, como podem ser informais.

Em seu segundo sentido cita que

“público” significa “aberto” ou “acessível ao público”. O que é público, neste sentido, é o que é visível ou observável, o que é desempenhado ante os espectadores, o que está aberto a todos (ou a muitos) para ser visto, ouvido ou comentado; o que é privado, ao contrário, é o que está escondido da vista, o que é dito ou feito na privacidade ou em segredo, ou entre um círculo restrito de pessoas. (THOMPSON, 1995, p. 313).

O público estende seus domínios sobre as organizações estatais, que vão desde indústrias nacionais até a serviço civil e a polícia. A partir destes conceitos de esfera pública e privada e somando que os indivíduos inseridos no contexto atual onde têm disponíveis diversos meios de comunicação, incluindo a Internet,

As vidas privadas das pessoas podem ser transformadas em acontecimentos públicos pelo fato de serem veiculadas através dos meios de massa; e acontecimentos públicos podem ser vivenciados em situações privadas, como acontece quando os problemas de estado são vistos ou lidos na privacidade de uma casa. A natureza daquilo que é público e daquilo que é privado e a demarcação entre esses territórios são transformadas de diferentes maneiras devido ao desenvolvimento da comunicação de massa, e esse, por sua vez, possui implicações para as maneiras como o poder político, a nível das instituições de estado, é conseguido, exercido e sustentado nas sociedades modernas. [...] Os termos “público” e “privado” adquiriram uma variedade ampla de sentidos no moderno discurso social e político, e toda tentativa de especificar distinções mais gerais implica numa tarefa de seleção e simplificação. Contudo, esta tarefa é digna de consideração e importante para analisar a natureza e o impacto

dos meios de comunicação de massa. (THOMPSON, 1995, p. 311).

6.6 O jovem universitário e seus hábitos

A humanidade, desde o início do século XIX, evoluiu tecnologicamente em uma velocidade que em dezenove séculos anteriores não ocorreu. E durante todo esse século jovens viram suas vidas mudarem. Hoje avós e bisavós que acompanham as mudanças tecnológicas, iniciadas no século XX, vêem filhos, netos e bisnetos mudarem seus hábitos em função dos avanços. Está claro que, há algumas décadas, as mudanças fazem parte da vida de qualquer pessoa, inclusive dos jovens.

A década de 80 foi reflexo do “bum” tecnológico que o mundo vivenciaria nos anos seguintes. As pessoas presenciaram o surgimento do VHS, do videogame, do CD, do computador, do DVD, e outra infinidade de aparelhos. E, no meio desta parafernália, estão as crianças trocando a Amarelinha, o pique esconde e as brincadeiras de rua pelos eletrônicos existentes dentro de casa. Existem, também, os jovens que estão trocando o futebol, o vôlei, o acampamento, as horas de conversa na pracinha, pelas possibilidades virtuais. É crescente o número deles que se utilizam sites de jogos, *chats*, *sites* de relacionamentos, entre outros, como fonte de entretenimento e lazer. Eles substituem o face-a-face pela virtualidade; navegam em busca de contato e relações imagéticas e hipertextuais.

As pessoas vivem em um mundo diferente e nele surge

um novo tipo de jovem, moldado pela psicologia virtual. Vive inundado, saturado de informações que circulam pelo mundo inteiro em velocidade cada vez maior. Há sistemas de captação pela Internet, tais como *velox*, por satélite, que aumentam a velocidade no baixar de dados de qualquer site censitário disponível. Escapam-nos os efeitos da cibercultura sobre a geração jovem. (LIBANIO, 2004, p.125).

O jovem vive sobre uma nova realidade onde não existem distâncias, onde é possível estabelecer contato com povos e culturas distantes. A socialização que antes era feita com vizinhos, parentes e amigos que habitam as redondezas, agora é estabelecida com indivíduos distantes, localizados em qualquer ponto do planeta, de acordo com os interesses e disposições do momento. Eles não sabem se estão

diante da pessoa ou de sócia, o real e o aparente são apagados pela tela. Cada um pertencente à rede torna-se um ponto da grande teia.

Esta nova forma de estabelecer contato encurta as distâncias e acelera a circulação de informações. Sobre os jovens se estabelece uma nova representação da realidade, onde surgem indivíduos voltados para o imediato, para si mesmo. Assim, “o desenvolvimento das novas tecnologias da informação acarreta para alguns autores a perda das solidariedades tradicionais” (RODRIGUES, 1994, p.197 e 198).

A cultura dos simulacros exprime o domínio do signo, isto é, entidade sensível para um grupo de usuários. Ele tem duas faces. A presente - o significante - e a ausente a que o significante remete - o significado. E a significação é a relação que ambos entretêm entre si. A cultura do simulacro valoriza, portanto, o lado sensível, visualizado por infinitos signos. A própria realidade desmaterializa-se, por assim dizer, para transformar o cotidiano na vivência imediata de simulacros. (LIBANIO, 2004, p.125).

As pessoas julgam que as tecnologias da informação postas à disposição são apenas instrumentos, que sua influência se limita em alargar o alcance da informação quando, na verdade, se observa que esse excesso de informações disponíveis quebra as formas de sociabilidade tradicional. Indivíduos recriam sua representação de realidade, suas normas de convivência social, eles perdem suas raízes. Esta quebra transforma todos, inclusive os jovens em uma grande massa aleatória, fluida, movediça e sujeita a transformações constantes.

7 FUNDAMENTAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia desta pesquisa foi de caráter exploratório. O problema pesquisado ainda é pouco estudado na área da Comunicação, pois a problemática relacionada à Internet é bastante recente.

Partindo da observação sobre o campo de investigação considerou-se que a metodologia exploratória seria a mais adequada, pois

o pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando antecedentes, maior conhecimento para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou

de um tipo experimental. (TRIVIÑOS, 1987, p. 109).

Também foi utilizada a metodologia descritiva em algumas etapas, pois segundo Triviños (1987, p.111) é uma metodologia “que procura não só determinar como é um fenômeno, mas também de que maneira e por que ocorre”.

8 PARADIGMA ESCOLHIDO

A pesquisa foi desenvolvida, predominantemente, pelo paradigma qualitativo. Esse tipo de pesquisa é aquele que

tem por objetivo estudar a cultura, descrevendo-a para apreender seus significados. Esta é a sua meta, mas não exclusivamente. Essa preocupação, porém, torna-se uma condição *sine qua non* de sua existência como disciplina científica. Sua tarefa não é simples, porque não existe nada mais complexo que desvendar os propósitos ocultos ou manifestos dos comportamentos dos indivíduos e das funções das instituições de determinada realidade cultural e social. (TRIVIÑOS, 1987, p.124).

9 ESTRATÉGIA DE VERIFICAÇÃO UTILIZADA

A estratégia de verificação para a pesquisa foi a abordagem de base antropológica uma vez que a aluna pesquisadora encontra-se inserida no meio pesquisado. Esta abordagem, segundo Laville (1999, p. 153), caracteriza-se por ser “o estudo de grupos ou de comunidades como meios de vida nos quais o pesquisador integra-se [...]”.

A escolha deveu-se, principalmente, ao fato que a aluna pesquisadora, ao participar da população pesquisada, poderia compreender e ter acesso a dados e comportamentos inacessíveis a pesquisadores que se encontrassem fora do grupo pesquisado.

10 SELEÇÃO DO GRUPO PESQUISADO

Foi identificado um grupo composto por potenciais usuários da Internet no Distrito Federal: alunos dos cursos de graduação em Comunicação Social do UniCEUB, já que a pesquisadora é aluna do curso.

A seleção do grupo, além da facilidade de acesso pela pesquisadora, foi resultante da identificação de um grupo de jovens, principalmente, com as seguintes características:

- potencial acesso à Internet nas esferas públicas e privadas;
- capacitação para uso da Internet;
- formação acadêmica semelhante entre os pesquisados;
- idade identificada como parte da faixa etária jovem.

Neste cenário, determinou-se que a seleção do grupo seria realizada escolhendo, aleatoriamente, vinte e quatro alunos (correspondente a 1,704% de um total de 1.408 alunos matriculados no início de 2006) do curso de Comunicação Social para serem entrevistados. Os entrevistados foram escolhidos com base em três sub-áreas e três turnos existentes no Centro Universitário de Brasília. Nas sub-áreas de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda, a amostra foi a mesma nos dois turnos, diferentemente sub-área de Propaganda e Marketing conforme apresentado no quadro1.

QUADRO 1 - SELEÇÃO DO GRUPO DE ALUNOS DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO UNICEUB

SUB-ÁREA / TURNO	SEMESTRE DO CURSO							
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
Propaganda e Marketing / vespertino	1	1	1	1	1	1	1	1
Jornalismo / matutino	1	0	1	0	1	0	1	0
Jornalismo / noturno	1	0	1	0	1	0	1	0
Publicidade e Propaganda / matutino	1	0	1	0	1	0	1	0
Publicidade e Propaganda / noturno	1	0	1	0	1	0	1	0
SUB-TOTAL POR SEMESTRE	5	1	5	1	5	1	5	1
TOTAL	24							

O curso de Comunicação Social, no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, é composto por três sub-áreas em turnos diferentes: Propaganda e

Marketing no turno vespertino; Jornalismo nos turnos matutino e noturno; e Publicidade Propaganda nos turnos matutino e noturno. Todos os cursos têm duração de oito semestres.

Decidiu-se que seria importante selecionar alunos de todos os turnos e sub-áreas para poder, se necessário, comparar dados entre alunos por semestre e/ou por sub-áreas.

11 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram:

1. Folha de fichamento - foi escolhida como instrumento, por ser um método simples e de prática utilização do conteúdo teórico que embasará a pesquisa.

2. Entrevista semi-estruturada, com base na definição de Triviños como um instrumento que

parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, segundo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (1987, p.146).

A entrevista semi-estruturada foi escolhida porque um questionário ou uma pesquisa estruturada não possibilitariam o acesso a informações chaves do problema. Esse modelo de entrevista possibilita ao pesquisador uma maior adequação e abordagem do assunto.

12 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

O método de análise de dados utilizado foi a análise de conteúdo que “consiste em demonstrar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer

suas diferentes características e extrair sua significação” (LAVILLE, 1999, p.214).

A análise dos dados foi dividida, com base em Triviños (1987, p. 161-162) em três etapas:

- a pré-análise: a organização do material;
- a descrição analítica: o material de documentos que constitui o *corpus* foi submetido a um estudo aprofundado, orientando este, em princípio, pelos referenciais teóricos pela codificação, a classificação e categorização dos dados;
- a fase de interpretação referencial: a reflexão e a intuição com embasamento nos materiais empíricos estabeleceram relações apoiadas nos materiais de informação.

13 DESENVOLVIMENTO / RESULTADO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O computador teve grandes avanços nas últimas duas décadas e vem transformando o cotidiano das pessoas na esfera pública e na esfera privada. Como cita Matterlart (2002), a sociedade é determinada em seus vários planos pela informática e pelas ferramentas de comunicação. Partindo dessa premissa buscou-se identificar como a Internet modifica as relações dos jovens com o mundo, tanto em esfera pública, como em esfera privada.

Assim, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, onde os dados coletados foram analisados com base na análise do conteúdo porque se trata de um tema recente no âmbito dos estudos da comunicação, e que portanto, carece de elementos que demonstrem os principais pontos a respeito da questão levantada.

- Freqüência de Utilização e Tempo de Acesso

O grupo entrevistado foi de vinte e quatro jovens universitários e, entre eles, percebeu-se que a freqüência de utilização do computador é diária. Uma possível tendência das gerações futuras porque como, afirma Adam Schaff (1995), o computador esta determinado a revolucionar a formação cultural, uma vez que ele é produto do homem, e portanto, parte de sua cultura.

Por motivos que variam desde a inserção na grade curricular escolar até compra do mesmo como utensílio doméstico, 62,5% dos indivíduos tiveram acesso ao computador entre 1995 e 1999. É interessante ressaltar que a faixa etária deles, naquela época, variava entre 7 e 15 anos.

- Capacitação

Entre os entrevistados, 33.33% dos jovens alegaram já terem tido dificuldades de “navegar” na Internet e apontaram como responsável por essa dificuldade a complexidade da ferramenta e/ou não saberem utilizá-la, principalmente no primeiro contato com o computador.

- **Motivação para Uso da Internet**

Os jovens citaram buscar a Internet como fonte de lazer e informação, seguido como fonte de trabalho. A Internet é vista como a primeira ou segunda fonte de informação, por 95,83% dos jovens, devido à praticidade. Como afirma Libanio (2004, p. 126),

Encontramo-nos diante de gigantesca massa de informação, mas superficial, ou pelo menos, dificilmente relacionável. Os sites atingem a casa dos bilhões. Nem conseguimos imaginá-los, muito menos consultá-los. Vivemos dependentes dos programas de procura tipo Google, Altavista, Altherweb e outros. Nossa cultura dependerá muito deles e da seleção de catalogação que fazem.

Essa dependência comprova-se pelos dados coletados e reforça a questão sobre a responsabilidade e influência dos meios de comunicação sobre a sociedade e as gerações futuras.

- **Ferramentas Utilizadas**

Os programas Orkut e Messenger são utilizados por 87,5% dos entrevistados, sendo que 8,33% dos entrevistados restantes foram excluídos dessa contagem porque utilizavam apenas o Messenger. Um fato interessante a ser destacado sobre os dois programas, principalmente sobre o Orkut, é que ele disponibiliza uma série de recursos ao indivíduo que transformam seus conceitos do que é público e do que é privado, assuntos de cunho pessoal passam a ser públicos e acessíveis a qualquer um que seja cadastrado ao *site*. Esse tipo de constatação dificulta ainda mais o entendimento e a definição dos conceitos de esfera pública e privada. Como

afirma Martín-Barbero (2002), estamos assistindo a uma reorganização das duas esferas. Essa reorganização, além de transformar os planos cultural, psicológico, social e econômico, coloca em questão o que a partir desse acontecimento será de controle direto do Estado, já que o que caracterizava esse controle era a esfera pública, e que em um primeiro momento parece fundir-se à esfera privada. Surge, a partir desse fato, a preocupação sobre como se desencadeará as relações do Estado com os indivíduos, pois, com as esferas pública e privada fundidas.

- Relacionamentos Virtuais e Reais

Apesar das várias facilidades possibilitadas pela Internet, os jovens sentem-se receosos quanto à verdadeira identidade do usuário atrás do monitor, 45,83% entrevistados já teve uma amizade puramente virtual e apenas 8,33% dos jovens relataram ter tido algum envolvimento amoroso. Ao contrário do que se imaginava, eles não estão tão abertos a essas novas possibilidades e, comprovando esse receio, apenas 29,16% dos jovens participaram ativamente de algum grupo virtual chegando a ir a um encontro, festa ou reunião. Segundo Libanio (2004, p.125 e 126),

O acesso se faz, não ao real, mas à sua versão midiática. Ela vem carregada de “efeitos especiais”. Fala-se da cultura do simulacro em que as imagens da tela apagam os traços de diferença entre o real e o aparente, entre a realidade e imagem, entre verdade e simulação, entre certeza e opinião. Não sabemos se estamos diante da pessoa ou de seu sócio. E quando é este, pesamos que é a própria pessoa real. Somos terminal de múltiplas redes. Processa-se novo tipo de conhecer, de sentir de ver a realidade. [...] A cultura dos simulacros exprime o domínio do signo, isto é, entidade sensível para um grupo de usuários. Ele tem duas faces. A presente – o significante – e a ausente a que o significante remete – o significado. E a significação é a relação que ambos entretêm entre si. A cultura do simulacro valoriza, portanto, o lado sensível, visualizado por infinitos signos. A própria realidade desmaterializa-se, por assim dizer, para transformar o cotidiano na vivência imediata de simulacros. Fala-se de uma hiper-realidade gerada pela informação nessa sociedade informatizada. As coisas, os fatos, as pessoas, os candidatos políticos, os programas de partido não são o que são, mas o que aparecem pela imagem projetada.

E eles o sabem, por isso, são cautelosos quando se trata de misturar o real

ao virtual. Na verdade, existe o medo de revelar uma imagem projetada do outro ou de si próprio.

- Dependência com a Internet

Observou-se que 33,33% daqueles jovens que ficaram sem Internet durante algum tempo, alegaram não ter feito muita diferença estar sem Internet, já que outros meios de comunicação foram capazes de suprir possíveis necessidades. Já 58,34% dos indivíduos, alegaram ter feito diferença, chegando a descrever a sensação como de isolamento total do mundo, desespero, horrível, ruim. E apenas 8,33% dos jovens nunca ficaram sem Internet.

- Esfera Pública e Esfera Privada

Acreditam que a Internet os possibilita saber mais o que acontece na esfera pública, governo, país, 79,16 % dos jovens. Aqueles que não acreditam nisso, 20,83 % dos jovens, justificam sua opinião na falta de confiança das fontes e da possível possibilidade de censura e/ou indução de opinião. Percebe-se que o espaço de esfera pública é ampliado pela virtualidade, abrindo a possibilidade, inclusive, de que interesses públicos sejam mais debatidos na esfera privada.

E ainda, em relação à esfera privada, os jovens foram divididos em dois grupos, os que a família tinha o hábito de se reunir na infância, e os que não tinham. Para efeito de análise os jovens que a família se reunia quando eram crianças, foram divididos em mais dois subgrupos. O primeiro subgrupo foi chamado de “família que reúne”, nele estão os jovens que a família ainda se reúne, seja para almoçar, jantar, ou assistir a televisão, por exemplo. E o segundo subgrupo foi chamado de “família que não reúne”, composto por jovens que a família não mais tem esse hábito. Entre os dezenove indivíduos dessa segunda divisão, aqueles que a família ainda reúne, percebeu-se que independe da família reunir ou não, 73,68% dos jovens acreditam que a Internet e/ou computador estão relacionados com

algumas mudanças de comportamento na rotina familiar. Já 26,31% não acreditam que o computador e/ou Internet possa estar interferindo, consideram o responsável pelas modificações o processo histórico, as mudanças de conceitos que vem ocorrendo nos últimos anos. Mudanças sobre o entendimento de como uma família se comporta e o que é a família.

- Consciência das Modificações

Os resultados demonstram claramente que existem modificações, porém, 45,83% dos entrevistados respondeu que a Internet não modificou seu comportamento, deve-se isso em grande parte ao fato de que muitos deles têm acesso a esse meio de comunicação há alguns anos, muitos desde a infância, e isso os impossibilita de fazer um paralelo sobre o antes e o depois e identificar essas mudanças.

Por último, quando foram questionados sobre a Internet afastar ou aproximar as pessoas, pouco mais da metade respondeu que, na verdade, ocorrem os dois ao mesmo tempo. A Internet possibilita a aproximação de indivíduos distantes geograficamente, mas possibilita o distanciamento de indivíduos próximos. Para eles, a ferramenta possibilita os dois, cabe ao usuário saber utiliza-la. Percebe-se que

a partir do momento em que as fronteiras geográficas tradicionais se tornaram permeáveis a penetração da informação tecnologicamente mediatizada, assistimos a aceleração do processo de redefinição de novas formas de sociabilidade, autônomas em relação ao enraizamento territorial da identidade individual e coletiva, não formas concretas e estáveis, como aqueles que definiam a sociabilidade tradicional e até moderna, mas modalidades aleatórias, fluídas e moveidias, abertas em permanência a constantes variações. (RODRIGUES, 1994, p.218)

Por isso, eles não conseguem chegar a um consenso sobre o que a Internet possibilita, uma vez que tecnologia muda o processo de comunicação e reformula seu entendimento.

- Considerações Finais

Por fim, identificou-se que as relações dos jovens universitários são modificadas na esfera pública porque a Internet amplia o espaço de discussão de questões públicas, como por exemplo, a política. Também, identificou-se que as relações dos jovens universitários são modificadas na esfera privada porque existem mudanças de comportamento na rotina familiar, como, por exemplo, reunir-se à mesa durante as refeições. Quanto à capacitação de uso da Internet, eles alegaram ter tido dificuldade com utilização de algumas ferramentas em função de sua complexidade e, no início, por falta de instrução. Apenas 12,5% jovens entrevistados não se consideram bem capacitados para utilizar tanto a Internet quanto o computador devido às ferramentas disponíveis serem complexas, os demais se consideram bem capacitados. No item acessibilidade, todos eles, sem exceção, afirmaram ter acesso a um computador, seja ele na faculdade, em casa ou no trabalho.

14 CONCLUSÕES

Por intermédio desta pesquisa, embasada tanto na Teoria Macluhana que considera os meios de comunicação utilizados pelas pessoas como suas extensões, quanto a Teoria Crítica que acredita que os indivíduos se adaptam aos novos elementos que surgem com o desenvolvimento tecnologia, percebe-se que a Internet junto às novas tecnologias modificaram o comportamento dos jovens universitários do grupo selecionado, sendo essa modificação nas duas esferas, tanto pública, quanto privada. É importante resaltar que o conceito de esfera pública e privada levado em consideração para essa análise foi

No primeiro sentido, a dicotomia público-privado refere-se à distinção entre o território do poder político institucionalizado que foi crescentemente investido nas mãos de um estado soberano, de um lado, e aos campos de atividade econômica privada e as relações pessoais que se colocaram fora de controle direto do estado, de outro. É claro que esta distinção geral nunca foi rígida ou definida; [...] (THOMPSON, 1995, p. 312).

E em segundo sentido,

“público” significa “aberto” ou “acessível ao público”. O que é público, neste sentido, é o que é visível ou observável, o que é desempenhado ante os espectadores, o que está aberto a todos (ou a muitos) para ser visto, ouvido ou comentado; o que é privado, ao contrário, é o que está escondido da vista, o que é dito ou feito na privacidade ou em segredo, ou entre um círculo restrito de pessoas. (THOMPSON, 1995, p. 313).

Deste modo, foram identificadas como as principais modificações: a mudança no comportamento familiar que eles estão inseridos; a mudança do entendimento do conceito de interação entre pessoas; a mudança na quantidade de informações obtidas; a mudança de comportamento do jovem ao utilizar durante mais tempo as tecnologias; o distanciamento de indivíduos próximos geograficamente e a aproximação de indivíduos distantes através do virtual; a interação com as tecnologias iniciada na infância; a maior possibilidade de debate dos interesses públicos entre grupos que usam a Internet com esse objetivo; e por último, a possível mudança de compreensão do que é esfera pública e esfera privada. Entretanto, algumas dessas descobertas já eram esperadas porque Libanio (2004,

p. 125) já citava que,

Cresce o número de jovens que diminuem as relações reais em prol das virtuais. Substituem o face-a-face pelo encontro na tela do computador. Conectam-se com o servidor e navegam pelo mundo estabelecendo contatos e relações imagéticas e exóticas. É um novo mundo. Surge também um novo tipo de jovem, moldado pela psicologia virtual. Vive inundado, saturado de informações que circulam pelo mundo inteiro em velocidade cada vez maior. [...] Escapam-nos os efeitos da cibercultura sobre a geração jovem.

Finalmente, o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa foram atingidos e ampliam a possibilidade para pesquisas futuras. Problemáticas relacionadas com relação a percepção dos jovens sobre a esfera pública e privada, à capacidade de a Internet aproximar ou distanciar as pessoas, à visão jovens da Internet como meio de comunicação, e a outras questões relacionadas a Internet que poderão surgir futuramente.

15 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, A. *Uma breve história da eletrônica*. Rio de Janeiro: Interciência, 1995.

JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KUORSE, J. F., ROSS, K. W., *Redes de computadores e a Internet: uma nova abordagem*. São Paulo: Addison-Wesley, 2003.

LUIS, M. P. G., *Elementos de história moderna e contemporânea*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 1999.

LAVILLE, C. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas* - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. *O que é virtual?*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIBANIO, J. B. *Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. de. *O lado oculto do receptor*. Tradução e

transcrição Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta - São Paulo: Brasiliense, 2002.

MATTERLART, A. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, A. D. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença, 1994.

SCHAFF, A. *A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SOUSA, M. W. de. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.